



Prof. Dr. Tércio Machado Siqueira

Aula 3

Colóquio de Doutorado

A poética hebraica: a metáfora



definição

Semanticamente, metáfora é uma palavra grega formada por *meta*, além, e *pherein*, trazer, produzir.

Metáfora é o uso de uma palavra ou frase denotando uma espécie de objeto ou ideia em lugar de outra, sugerindo uma semelhança ou analogia entre elas.

Com o exemplo metafórico, "João tem uma vontade de ferro", a frase está dando ao João uma qualidade que diz respeito ao que ele representa ser, para o autor da sentença, isto é, mostra ter uma vontade forte como de ferro.

**Aristóteles (*Rhetoric and Poetics*) deixou sua
opinião sobre metáfora:**

***"Estranhas palavras simplesmente nos intrigam;
palavras ordinárias comunicam somente o que já
sabemos; é da metáfora que podemos melhor
descobrir alguma coisa nova"***

(conforme William P. Brown, *Psalms*, p. 28ss).

Desde Aristóteles incontáveis filósofos, teóricos literários e poetas tentam compreender como a metáfora produz "algo novo". Como vimos acima, a raiz grega, metáfora significa a transferência de uma propriedade para outro. Ao ler, metáfora facilita a transferência de significado de alguma coisa familiar para algo novo.

A melhor definição de metáfora reconhece dois elementos que a constitui: o **teor** e o **veículo**.

O **teor** é a ideia básica, o assunto principal e o **veículo** é o modo ou a figura pela qual o teor é expresso (Cf. I.A. Richards, *The Philosophy of Rhetoric*, 1965, p. 96-97).

Outras tentativas de nomear os dois componentes: o "assunto primário" e o "assunto secundário" (Max Black, "More about Metaphor", In: *Metaphor and Thought*, 1979, p. 28); "occasion" and "image" (Paul Avis, *God and the Creative Imagination: Metaphor, Symbol and Myth in Religion and Theology*, 1999, p. 94).

Diante destas três propostas sobre os dois elementos constitutivos, surge uma questão: "como esses dois componentes da metáfora se relacionam num particular contexto"?

George Lakoff e Mark Turner (*More than Cool Reason: A Field Guide to Poetic Metaphor*, 1989, p. 38-39) tentam responder esta questão.

Seja na linguagem poética, no discurso racional, ou mesmo na linguagem do dia-a-dia, Lakoff e Turner distinguem dois componentes, e identificam como eles se relacionam. Para tanto, eles tomam a metáfora "tempo é um ladrão". São suas palavras:

Usamos a metáfora para traçar certos aspectos da fonte de domínio sobre o alvo de domínio; como resultado deste encontro produziu-se um novo entendimento do alvo de domínio. Assim, parte daquele traçado, fonte de domínio e alvo de domínio, impõe um novo entendimento metafórico (...) sobre a nossa leitura.

Lakoff e Turner explicam que as expressões, *fonte de domínio* e *alvo de domínio*, não somente reconhecem uma paridade de importância entre as duas palavras: tempo e ladrão. Contudo, o que é importante está na ilustração provocada a partir da parceria de um domínio sobre o outro.

Como o significado da palavra *metáfora* diz, a *transferência de significado* resulta num novo entendimento da **fonte de domínio** (neste caso, "ladrão"), mas não necessariamente do **alvo de domínio** ("tempo"). Assim, através do uso da metáfora, tempo é percebido ou entendido de forma diferente. Nada é dito do *ladrão*.

William P. Brown acompanha este raciocínio com uma afirmação do Salmo 84: *Eis que! Javé Eloim é sol e escudo (v.12)*. Esta declaração realça a eficácia real da bênção divina. O culto solar perde o tema para compor o alvo maior, a saber, a eficácia real no contexto de domínio político. A veneração não está no culto solar, mas no escudo.

Assim, a **fonte de domínio**, sol e escudo, ilumina a nova dimensão do alvo divino. Segundo Lakoff e Turner, a compreensão metafórica não é uma questão de um mero jogo de palavras; em sua natureza, é uma matéria conceitual.

Para que a metáfora aconteça, os dois domínios devem ser conhecidos, para que o novo seja discernido. Lakoff e Turner apresentam um exemplo onde metáfora entra em colápsso: "*morte é uma banana*". Trata-se do uso incorreto da metáfora, pois a verdadeira firma-se sobre a base do conhecimento compartilhado para construir o novo.

Enfim, uma metáfora não só funde dois ou mais modos de percepção, como também impõe um sobre o outro, especificamente. Tal projeção gera uma nova compreensão do alvo de domínio. A metáfora age como uma rede ou filtro, capacitando o leitor ver algo novo sobre o domínio do alvo.



**a metáfora
na poesia
hebraica**

Antes de entrar no tema, propriamente dito, é preciso dizer que a metáfora é uma das mais importantes ferramentas para tentar entender, ainda que parcialmente, o que não podemos captar em sua totalidade. O papel da metáfora nos estudos religiosos é debatido, por séculos.

O saltério hebraico é um dos mais populares livros do AT, uma vez que ele representa um corte transversal do pensamento religioso hebraico, concentrando sobre quaisquer objetivos narrativos, sapienciais ou proféticos, obedecendo tendências políticas e teológicas.

Embora esta coleção de poemas e hinos seja rica em linguagem metodológica, muito pouco foi feito para aplicar a teoria de metáfora para o texto da Bíblia Hebraica: "poucos/as comentaristas ou leitores/as do livro de Salmos podem duvidar da importância da metáfora, seja no próprio saltério ou na linguagem religiosa, em geral. Muito pouco foi escrito sobre o assunto.

Inicialmente, uma observação de caráter geral. Na poética hebraica, o paralelismo de membros e a metáfora compartilham algumas bases comuns. Tanto um quanto outro envolve a transferência de significado.

Na metáfora, a transferência de significado é facilitada de algo familiar para alguma coisa nova. A contribuição da metáfora, na construção de significado, é bastante sugestiva e ampla. Através da metáfora, a poesia gera um excesso de conexões semânticas.



**exemplos
práticos de
metáfora**

A análise metafórica de um salmo ajuda a mapear as imagens e seus significados. Dois exemplos significantes encontramos, especialmente, na linguagem do culto: Javé é o meu pastor (Sl 23) e o rei de toda a terra é Deus (Sl 47,8).

Salmo 23

1. Salmo para Davi

Javé (é) meu pastor, *re'eh*, eu não sentirei falta, *hasar*,

2. em belas, *na`wah*, relva tenra, *dexe`*, ele fará repousar-me, *rabas*
sobre águas, *mayim*, de descanso, *noah*,

ele me conduzirá, *nahal*,

3. ele restaurará, *xwb*, minha vida, *nepex*,

ele me guiará, *nahah*, pelas pegadas, *ma'egal*, da justiça, *sedeq*,

Por causa do seu nome, *sem*.

4. Também se eu andasse, *halak*, na depressão, *gaye`*, de trevas, *salemawet*,
eu não temerei, *yara`*, o mal, *ra`*.

Atenção!

Tu (estás) comigo

Teu cajado, *xebet* e

Teu bordão, *mixe'enet*, eles me consolam, *naham*.

5. Tu preparas, *'arak*, diante de mim uma mesa, *xulehan*,
na presença dos meus opressores, *sar*;

Unges, *daxan*, com óleo, *xemen*, minha cabeça, *ro`x*,

minha taça, *kos*, transbordante, *rewayah*.

6. Certamente, bem, *tob*, e bondade, *hesed*, me seguirão, *radap*, todos os dias de minha vida
e eu morarei, *yaxab*, na casa de Javé por longos, *`orek*, dias, *yom*.

O Salmo 23 contém muitas imagens evocativas: pastor, relva, águas tranquilas, caminho, vale escuro, cajado, bordão, mesa, taça e óleo, Retiradas de várias fontes de domínio, estas imagens, juntas, dão ao salmo uma característica de coerência e movimento.

O salmista usa a metáfora "pastor", especialmente, a partir do que esta figura representa para os costumes e a cultura dos povos do AOM. A palavra "pastor" preenche de sentido não somente sua fonte de domínio, mas também seu alvo de domínio.

Como um bom "pastor" e a refrescante "águas tranquilas", o salmista denomina a ação de Deus: Ele é cuida e guarda os seus fiéis (ovelhas), concedendo-lhes descanso, orientação e segurança nas caminhadas. Aqui, a metáfora "pastor" para reafirmar a importância da presença do líder comunitário como característica básica.

Por trás da metáfora do Salmo 23 está uma grande controvérsia: os teólogos de Jerusalém desenvolveram uma ideologia em torno de Davi. O Salmo 78 diz:

escolheu Davi... tirou-o do aprisco das ovelhas, da companhia das ovelhas fê-lo vir para apascentar Jacó, seu povo... (Sl 78,70-71).

Entre os teólogos de Jerusalém, a metáfora "pastor" é atribuída ao rei Davi ("pastor" é fonte de domínio). O Salmo 23, cujo autor um camponês e interiorano, caracteriza Javé como um bondoso líder. Neste caso, Javé (alvo do domínio) ganha uma característica a mais: Javé, além de ser Deus, carrega a característica de "pastor".

A metáfora Javé é meu pastor se popularizou partir do exílio babilônio (séc. VI aC). Jeremias (3,15; 23,4), Ezequiel (34,23) e Zacarias (11,16). Séculos mais tarde, Jesus auto-denomina pastor (Jo 10,11).

Salmo 47, 2-9

Povos todos, batei palmas,

aclamai a Deus com gritos alegres!

Pois Javé, o Altíssimo é terrível,

é o grande rei sobre a terra inteira.

Ele põe as nações sob o nosso poder,

põe-nos os povos debaixo dos pés.

(...)

Tocai para o nosso Deus, tocai

Tocai para o nosso rei, tocai!

pois o rei de toda a terra é Deus (...)

Deus é rei acima das nações, senta-se Deus em seu trono sagrado.

A metáfora de Javé como guerreiro é abundante, especialmente, no livro de Salmos. Diferente do Salmo 23, quando Javé é denominado "pastor", o Salmo 47 denomina o Deus Javé como "rei". Antes, Javé recebe vários adjetivos que o caracterizam de "bom", mas no Salmo 47, Deus age como um austero rei.

A metáfora "Deus é rei" agrega ao conceito divino uma característica própria dos povos do AOM onde os seus deuses são guerreiros. O significado de Javé, como um Deus guerreiro é negligenciado por parte do mundo cristão e judaico, porém esta declaração é própria da literatura bíblica cuja intenção é relatar o que acontecia na antiga comunidade israelita.

Para os/as leitores/as conservadores/as da Bíblia, a metáfora é imprecisa e confusa. Entretanto, ela deve ser tomada como uma linguagem perfeitamente correta e científica, pois ela expressa a cultura do povo. Não se trata de linguagem religiosa, pois os povos do AOM usaram a metáfora como forma de expressão.

Javé, o Deus de Israel, é denominado "rei", particularmente, por uma comunidade residente, em Jerusalém. Naturalmente, a força política do Reino de Judá fez com está afirmação se tornasse popular.